

PSICOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

FILOSOFIA DA LI- BERTAÇÃO

Associação Sul-americana de Filosofia e Teologia Interculturales

A compreensão dos acontecimentos sociais não é fácil, porém necessária para uma vida sadia das pessoas. Nossa capacidade de entender a história é limitada e muitas vezes está fora de nosso alcance. São necessárias, por isso, relações sociais favorecedoras de um desenvolvimento consciente e livre. Para transformar o mundo é necessário algo mais que um trabalho de mudança nos níveis externos... A psicologia tem um lugar privilegiado na compreensão e no acompanhamento dessas mudanças. É a que pode possibilitar que as pessoas tenham clareza a respeito da história. Falta-nos colocar o conhecimento psicológico a serviço da construção de uma sociedade na qual o bem-estar de uns poucos não se assente sobre a desgraça de muitos.

Ignácio Martín-Baró, jesuíta e psicólogo social, faz sua proposta de Psicologia da Libertação (PsL), especialmente dirigida às maiorias pobres e oprimidas, um compromisso ético e político com a sociedade.

As pessoas necessitam ser agentes de suas próprias existências, libertando-se das estruturas que as oprimem. É a preocupação da PsL: um compromisso ético e político com as pessoas e as comunidades, uma atividade de transformação da realidade. Para esta nova forma de imperialismo que penetra no cotidiano de cada vida, necessitamos da força libertadora que vem de dentro de todos.

A PsL recupera a memória histórica das maiorias, impede o fatalismo e a alienação, possibilita a participação crítica, especialmente daqueles que são as vítimas da sociedade e libera o potencial de esperança e resistência de que é capaz uma comunidade humana.

Buscando manter vivas as idéias da PsL, foram organizados seis Congressos Internacionais. Em novembro de 2005, haverá o sétimo. Para se obter maiores informações sobre o Congresso, conectar com o professor Ignácio Dobles: idobles@cariari.ucr.ac.cr, da Universidade de Costa Rica.

Se você é psicólogo/a e quer dar à sua profissão um sentido social de libertação, forme um grupo, ponha-se em contato com o movimento de PsL, participe e faça de sua profissão um serviço libertador pela causa dos pobres. Conecte-se com a professora Raquel Guzzo, Campinas, Brasil: rguzzo@mpc.com.br

Convencidos de que nem a filosofia nem a teologia latino-americanas em geral, apesar de seus inegáveis e importantes avanços na contextualização de suas reflexões, alcançou a total imersão intercultural e inter-religiosa que requer a diversidade cultural e religiosa de Aby Yala, um grupo de filósofos e filósofas, bem como de teólogos e teólogas, reunidos em Canoas, RS, Brasil, por ocasião do Primeiro Seminário Internacional sobre Filosofia Intercultural e os desafios da globalização, decidiu, em assembleia constituinte, realizada no dia 20 de maio de 2003, fundar a "Associação Sul-Americana de Filosofia e Teologia Interculturales" (ASAFI).

Com esta nova organização, pretende-se revitalizar o movimento libertador que há quase 35 anos vem promovendo a reflexão filosófico-teológica do Continente, centrando-o no diálogo e na promoção da pluralidade filosófica e teológica latino-americana. O objetivo fundamental da ASAFI é fomentar o diálogo e intercâmbio da América Latina com sua própria diversidade.

Sua estrutura organizativa é a seguinte:

Presidenta: Dina V. Picotti, Buenos Aires
Vice-presidenta: Neusa Vaz, Porto Alegre
Secretário: Antonio Sidekum, São Leopoldo
Vice-secretária: Vanildo Luiz Zugno, Canoas
Vogais: Carlos Cullen, Buenos Aires
Diego Irrarrázaval, Puno.
Luis Carlos Suzin, Porto Alegre
Maurício Langón, Montevideu
Ricardo Salas, Santiago do Chile.

Áreas temáticas:

1. Culturas ameríndias;
2. Culturas afro-americanas;
3. Culturas ibero-americanas;
4. Culturas imigrantes; 5. Culturas emergentes.

A ASAFI tem sua sede legal no Departamento de Filosofia do Centro Universitário La Salle, em Canoas, Brasil.

O endereço para contatos e informações é: sidekum.sle@terra.com.br

Veja texto mais amplo de Raquel Guzzo em: <http://latinoamericana.org/2005/textos>

MEDICINA DA LIBERTAÇÃO

Lanny Smith

Ainda que o livro do P. Martín Baró seja sobre “Psicologia da Libertação”, parece-me que a mensagem do livro é aplicável à medicina em geral. Martín Baró escrevia: “Em nosso caso, mais que em outros, o princípio a ser mantido é o de que a preocupação do cientista social não deve ser tanto explicar o mundo, mas modificá-lo”.

Martín Baró insiste em que A Psicologia da Libertação devia explorar novos horizontes, uma nova maneira de buscar conhecimento e uma nova maneira de agir. Como modelo do que se deveria fazer ele se refere a Paulo Freire, o brasileiro que desenvolveu o método de alfabetização de adultos pobres baseado no diálogo e buscou romper “as cadeias da opressão pessoal, assim como as cadeias da opressão social”.

Parece-me que Martín-Baró descreveu o tipo de medicina que nós estávamos tentando praticar: “O uso consciente e convicto da saúde para promoção da dignidade humana e da justiça social”.

Medicina da Libertação imediatamente traz à mente a Teologia da Libertação (TL), o movimento que interpretou os ensinamentos de Jesus fazendo um chamado radical à igualdade e ao amor a todos. Metodologia útil com ou sem o ponto de vista religioso, a TL faz um chamado à observação, reflexão e ação. Sempre que possível, este processo deveria realizar-se por meio de acompanhamento dos marginalizados, aqueles a quem D. Romero se referia como os “que não têm voz”.

Evidentemente, muita gente tem praticado a Medicina da Libertação por longo tempo, sem que a tenham chamado assim. Temos que esforçar-nos para trabalhar dentro do contexto da comunidade, porque a libertação é um exercício tanto comunitário quanto individual. Em “*Virtudes da Prática Médica*”, Edmundo Pellegrino e David Tomasma apresentam a medicina como uma comunidade moral: “Estas três coisas – índole da enfermidade, não propriedade do conhecimento médico, e o juramento de fidelidade aos interesses do paciente – geram um laço moral forte e uma responsabilidade coletiva... A medicina não pode, e não deve, fazer tudo isto sozinha. Pode associar-se a outros profissionais da saúde, pessoas interessadas e legisladores”.

PARA UM MOVIMENTO DA LIBERTAÇÃO

A primeira vez que escutei *Medicina da Libertação*, associei-a, obviamente, à *Teologia da Libertação*. Pensei, porém: qualquer pessoa poderia utilizar seu campo de especialização “para a libertação”, para ajudar outros a construir um mundo melhor. Minha mente extrapolou o conceito, aplicando-o à minha própria profissão.

Sou escritora e editora; faço o possível para ajudar na promoção da saúde e direitos humanos num trabalho de voluntariado para uma organização sem fim lucrativo chamada “Doutores para a Saúde Global”. Elaborei seu Boletim de Notícias e outros materiais. Poderia dizer que sou uma *Escritora e Editora de Libertação*.

Qualquer profissão pode ser um veículo para dar poder aos menos afortunados. Os que trabalham na hidráulica e dão seu tempo e conhecimento à “Habitat for Humanity”, estão praticando uma *Hidráulica de Libertação*. O perito em computadores que trabalhou voluntariamente para criar uma rede de computadores e um projeto em El Salvador praticou *Engenharia de Libertação*. Minha mãe, que se vale da pintura para denunciar a violência e a injustiça, faz *Arte de Libertação*. E assim as possibilidades são infinitas...

Imaginem que comunidade poderia ser construída se cada um, trabalhando para melhorar seu próprio ambiente, pudesse sentir-se parte de um grupo muito maior de afinidade... Um *Movimento de Libertação*, feito de *Medicina de Libertação*, *Engenharia de Libertação*, *Editorial de Libertação*, *Arte de Libertação*, etc. Cada um de nós teria contato com uma rede de profissionais em vários campos de especialização e poderíamos ajudar-nos a resolver os problemas com formas novas e originais...

É claro que fazer um trabalho de caridade simplesmente não o qualifica como *Libertação*; algumas das forças mais opressivas em nossa sociedade fazem muitas “obras de caridade”... Por isso é importante estender a este Movimento a definição da Medicina de Libertação: “O uso consciente e determinado da vocação pessoal para promover a dignidade humana e a justiça social”. Todo tipo de *libertação* requer trabalho para e com outros seres humanos, com a consciência de que as mesmas cadeias nos amarram a todos, ainda que alguns levemos uma vida mais fácil.